

## **Apresentação**

Este é mais um número da revista *Ágora Filosófica*. Ele é composto por nove artigos, sendo cinco sobre a temática voltada para a filosofia de Merleau-Ponty, e os outros quatro são de artigos livres, por isso temos um sobre a *epoché* como fundamento existencial, segundo Husserl, outro sobre Adorno e a educação, um terceiro sobre Diagnóstico psiquiátrico, essencialismo e barbárie e o quarto trata da Modality, propositional functions, and logical learning. No primeiro artigo, referente ao dossiê Merleau-Ponty “Être et chair chez Merleau-Ponty”, de Emmanuel de Saint Aubert tem como objetivo esclarecer, no pensamento de Merleau-Ponty, os significados e as questões da carne, do ser, bem como suas relações. Segundo o autor, as relações entre carne e ser são passivas e ativas, e sobretudo fecundas, uma vez que Merleau-Ponty evoca uma dupla “gestação”, da carne no ser, e do ser na carne. Neste sentido, ele mostra que o nosso confronto com o ser, a nossa resistência ao ser, na nossa carne, contribui para nos tornar humanos.

No segundo artigo, intitulado “A encarnação muda tudo: a gênese da filosofia da carne no pensamento de Merleau-Ponty”, o autor Nilo Ribeiro Junior investiga a gênese da filosofia da carne, no pensamento de Merleau-Ponty, voltada para o tema da encarnação muda tudo, o que permite reinscrever as questões da linguagem, da cultura, da ética, da subjetividade, da alteridade etc., em um outro espaço existencial e ontológico

No terceiro artigo, temos o título: “Paul Claudel, Maurice Merleau-ponty e a temporalidade”, do autor Cleiton Nery de Santana. O artigo trata da noção de tempo presente nos pensamentos do poeta Paul Claudel e do filósofo Maurice Merleau-Ponty. O outro destaca o conceito claudeliano de tempo presente em *Art Poétique* a fim de, poder apresentar as possíveis relações existentes entre o poeta e o filósofo acerca da temporalidade. Assim, se torna mais compreensivo o lugar e a importância de Claudel para o projeto filosófico de Merleau-Ponty.

No quarto artigo, “A percepção e o artista: uma perspectiva antropológica da fenomenologia de Merleau-Ponty”, de Patrícia Mara Rodrigues Silva, tem como objetivo apresentar o modo particular com que Merleau-Ponty trabalha o primado da percepção para a fenomenologia, tomando por base as reflexões levantadas por ele no texto ‘A dúvida de Cézanne’.

O quinto artigo, cujo título: “Merleau-Ponty e Wittgenstein escapando da oposição entre ciência e fé apoiada no absolutismo alienante de um radicalismo obtuso”, de Mônica Parreiras, tem como objetivo, mostrar a impossibilidade de invalidar tanto o campo da ciência quanto o campo da fé. Apresenta ainda, a tese de que invalidar significa assumir uma postura absolutista que tem como principal característica o assujeitamento alienante derivado de um radicalismo obtuso. Também, apresenta a teorização de Ludwig Wittgenstein em *Lectures and Conversations on Aesthetics, Psychology and Religious Belief* (1967), abordando sua concepção fideísta da crença em Deus não pelo viés das crenças factuais, racionais e/ou empíricas, mas vistas por ele, como uma maneira de ver o mundo e se posicionar diante dele

O sexto artigo, sobre “Gestar sensibilidades em diálogo: tarefa para a fenomenologia da percepção na era digital”, de Marcelo Fabri trata de como a era digital está promovendo a ruína da vida teórica e, conseqüentemente, se é possível preservar uma tal vida, beneficiando-se das conquistas da fenomenologia da percepção. Mas, um desafio se apresenta, pois muitos consideram destinado ao fracasso. Contudo, trata-se de gerar (formar) sensibilidades em diálogo, subjetividades impactadas pelo acontecimento do aprender e do ensinar. Então, paira sobre nós, se somos ainda capazes de afirmar a nossa liberdade, reivindicando uma responsabilidade pelo futuro. Responsabilidade que tem seu ponto de partida numa fenomenologia da percepção.

O sétimo artigo, por sua vez, está intitulado, “Descartes, Husserl e a epoché como fundamento existencial”, de Caio Lívio Sulpino Dantas tem por objetivo analisar a influência do pensamento de René Descartes sobre o conceito de epoché de Edmund Husserl. O autor nos mostra que do cogito cartesiano Husserl recebe fundamentos conceituais para alicerçar a certeza da existência do ego. Seu sentido foi demonstrado pela segunda epoché, a qual põs em dúvida o universo de sentido do mundo, e o coloca no ego puro ou consciência transcendental enquanto fundamento originário para qualquer conhecimento ou ciência.

Vale salientar que o oitavo artigo, tem como título: “Diagnóstico psiquiátrico, essencialismo e barbárie: considerações a partir da fenomenologia da vida”, do autor Stephan Malta Oliveira, que apresenta o objetivo de como

utilizar a noção de barbárie, encontrada em Michel Henry, aplicando-a à psiquiatria, mais especificamente aos efeitos dos diagnósticos psiquiátricos sobre os indivíduos categorizados. Busca-se ainda discutir as funções essencialista e pragmática do diagnóstico na psiquiatria e sua relação com os fenômenos da vida e da subjetividade. Seu aspecto ético consiste na tomada apenas em sua função pragmática, enquanto dispositivo político e tendo o pathos como o legítimo objeto do campo psiquiátrico, se coloca a favor da vida, do sujeito em sua singularidade, do humano.

Quanto ao nono capítulo, o título em destaque é: “Modality, propositional functions, and logical learning: a historical look at the conflict between Kripke and Frege-Russell in the preface to Naming and Necessity”, do autor Lucas Vollet, que nos apresenta um argumento de que as vantagens técnicas da rigidez não são fator de impacto para aceitação da tese de Kripke contra Frege-Russel. O presente artigo quer argumentar sobre a evolução de tal discussão, e que a mesma pode percorrer um caminho diferente quanto à avaliação divergentes entre diferentes concepções de conhecimento contrafactual. Pois, o objetivo, também, é demonstrar uma compreensão não-metafísica do que acontece quando se aprende algo semanticamente cognoscível sobre modalidade e contrafactualidade.

O décimo artigo, entretanto, nos apresenta como título, “Theodor Adorno e a Educação Contra a B(T)arbárie: faces e interfaces”, dos autores Anderson de Alencar Menezes e Emerson Silva de Oliveira, que nos apresenta alguns conceitos adornianos e a comparação entre os mesmos, a fim de suscitar uma análise e discussão das mudanças promovidas nos últimos dois governos brasileiros.

Sendo assim, e esperando que esses artigos contribuam para a discussão no campo filosófico, desejamos uma excelente leitura e, que possa despertar profundas reflexões.

Eleonoura Enoque da Silva (Editora)  
Ermano Rodrigues do Nascimento (Editor)